



**OUTDOOR CELEBRA FORÇA DOS DOCENTES**

Painel foi instalado no alto do Bloco A do Centro de Tecnologia. Ele é visto das linhas Amarela e Vermelha

Capa

**DIRETORIA ESTUDA NOVO PLANO DE SAÚDE**

A ideia é contratar o FioSaúde, plano da Fiocruz que permite adesão de maior número de familiares

Página 3

**CAXIAS RECEBE VISITA DA ADUFRJ**

Professores do Campus da Baixada reclamaram da falta de bolsas e das condições de trabalho

Páginas 4 e 5

**FREI BETTO DEBATE APOIO À CUBA**

Encontro idealizado pela AdUFRJ com apoio do DCE, APG e Sintufrj, será no CT, na quinta-feira, 30, 11h

Página 12

# AdUFRJ

## PROFESSORES DA UFRJ

**47 ANOS**  
de coragem,  
compromisso e luta  
pela democracia, pelos  
professores e pela  
universidade pública.

# AdUFRJ pretende oferecer plano de saúde da Fiocruz

> Diretoria quer ofertar aos docentes uma modalidade de qualidade e com preços mais viáveis que planos comerciais. Alternativa permite a inclusão de familiares como pais, avós, netos e sobrinhos

SILVANA SÁ  
silvana@adufrrj.org.br

A diretoria da AdUFRJ se reuniu com professores sindicalizados no Centro de Ciências da Saúde para discutir uma alternativa de plano de saúde mais viável financeiramente e com qualidade atestada. Trata-se do FioSaúde, um plano de saúde ligado aos servidores da Fiocruz que adota um modelo de autogestão. A reunião foi coordenada pela presidenta Lígia Bahia e contou com a presença do diretor administrativo-financeiro do plano, o pesquisador Hayne Felipe da Silva.

O diretor Hayne Silva explicou que o modelo permite a inclusão de diferentes tipos de familiares, como pais, tios, avós, sobrinhos,

padrastos e madrastas, sogros, avós dos companheiros, além de companheiros e filhos. Outra vantagem é que tem ampla rede credenciada, além do acesso exclusivo à policlínica da Fiocruz, com profissionais altamente capacitados. Outro diferencial é a cobertura odontológica disponível aos associados a partir do perfil Clássico ou Familiar II.

Hayne Silva também destacou o atendimento domiciliar voltado a pessoas com mais de 70 anos. “Temos alguns diferenciais na assistência integral à saúde. Um deles é o atendimento domiciliar a pessoas 70+, com acompanhamento pós-internações. Também temos um programa de prevenção de refratura, que busca evitar que o idoso tenha novas quedas com fraturas ósseas, e estamos implantando o programa de cardiopatias para acompanhar de forma mais integral e contínua esses pacientes”.



**A AdUFRJ seria uma entidade patrocinadora, com valor de contribuição simbólico para acesso dos sindicalizados ao plano”**

LÍGIA BAHIA  
Presidenta da AdUFRJ

O encontro ocorreu em 14 de abril. “Nossa grande preocupação é com dois públicos que estão muito onerados com os preços praticados pelos planos de saúde comerciais: professores recém-admitidos na carreira

ra e professores idosos”, explicou Lígia, durante a apresentação. “Queremos ter uma opção que seja mais segura e financeiramente mais viável”, defendeu a dirigente, médica e uma das mais respeitadas pesquisadoras do país em saúde coletiva. “O FioSaúde nos dá essa possibilidade de uma rede que tem emergência de qualidade e CTI de qualidade”.

Hoje, a AdUFRJ ainda não pode formalizar uma adesão a esse plano, porque é necessária uma mudança estatutária para permitir que os docentes filiados à AdUFRJ possam ser beneficiários do FioSaúde. “Por isso chamamos essa reunião para identificar se há a demanda dos professores para a indicação de um novo plano de saúde e se podemos seguir com essa aproximação”, justificou Lígia. “A AdUFRJ seria uma entidade patrocinadora, com valor de contribuição simbólico para

acesso dos sindicalizados ao plano”, explicou.

Quem aderir ao FioSaúde também terá direito à rede hospitalar fora da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Isto porque existe um convênio de reciprocidade entre o FioSaúde e a operadora Cassi. Desta forma, é possível utilizar a rede Cassi tanto para atendimentos de emergência quanto para internações eletivas em outras localidades. Para conhecer melhor essa rede, basta acessar [servicosonline.cassi.com.br/redcredenciada](http://servicosonline.cassi.com.br/redcredenciada) e selecionar a opção “plano de associados”.

São cinco perfis de planos individuais e cinco familiares, com faixas de preços que variam de acordo com o padrão da rede credenciada. Hospitais como São Lucas, Casa de Saúde São José, São Vicente, Rede D’Or e Samaritano são alguns exemplos de hospitais que possuem convênios com o FioSaúde.

## CONFIRA A REDE HOSPITALAR E A FAIXA DE PREÇOS DE CADA PLANO DA FIOCRUZ

### FUNDAMENTAL / FUNDAMENTAL FAMÍLIA

- Casa de Saúde Santa Therezinha
- Hospital Adventista Silvestre
- Hospital Casa de Portugal
- Hospital Evangélico
- H. S. F. Prov. Deus (Ordem 3ª)
- Clínica São Carlos
- Clínica Santa Bárbara
- H. Casa Egas Moniz
- Casa de Saúde N Sra do Carmo
- Hospital TijuTrauma
- Procor
- Hospital Marcos Moraes
- Hospital da Ilha
- Grupo Cemeru Saúde
- Amiu Hospital Pediátrico
- Clínica da Gávea
- Vila Serena
- CS Santa Martha (Niterói)
- Hospital Icaraí (Niterói)
- H. São Lucas (Niterói)
- HOSB (Niterói)
- Maternidade São Francisco (Niterói)
- Hospital Prontonil (Nova Iguaçu)
- H. Clínicas Nova Iguaçu
- Hospital Mario Lioni
- C.S. Sta Terezinha de Jesus (SJ Merit)

### CLÁSSICO / FAMÍLIA II

- Todos do Fundamental e mais:**
- H. Pasteur
  - H. Rio Mar da Barra
  - H. Badim
  - H. Balbino
  - H. Vitória
  - Casa de Saúde São José\*
  - Casa de Saúde Sta Lucia
  - Policlínica de Botafogo
  - Prontobaby
  - Calren Hosp Cálculo Renal
  - Centro Pediátrico da Lagoa
  - Hospital de Olhos do Meir
  - H. Bangu
  - Hospital HCN (Niterói)
  - HC Lagos
  - Hospital de São Gonçalo
  - Copa D’Or
  - Rios D’Or
  - Perinatal Barra
  - Maternidade do Glória D’Or
  - H. São Lucas Copacabana

### EXECUTIVO ESPECIAL / FAMÍLIA III

- Todos do Fundamental, Clássico e Família I e II e mais:**
- Pro-Cardíaco
  - Quinta D’Or
  - Barra D’Or
  - São Vicente da Gávea
  - Hospital Samaritano

### TOTAL SAÚDE I / TOTAL FAMÍLIA IV

- Hospital Pasteur
- Hospital Adventista Silvestre
- Hospital Casa de Portugal
- Casa de Saúde Sta Therezinha
- Hospital Rio Mar
- Hospital Vitória
- TijuTrauma
- Casa de Saúde N. Sra. do Carmo
- Clínica Sta Barbara
- Clínica São Carlos
- Hospital Egas Moniz
- AMIU Pediatria Jacarepaguá
- Prontobaby
- Samci
- Septo Otorrinolaringologia
- Inst. Brasileiro de Oftalmologia
- Calren Hospital de Cálculo Renal
- Hospital da Ilha do Governador
- Hospital Doutor Marcos Moraes
- Clínica da Gávea
- Vila Serena
- Hosp. das Clínicas
- Mario Lioni (Duque de Caxias)
- HSCOR (Duque de Caxias)
- H.C. de Nova Iguaçu (Mesquita)
- C. Saúde Maternidade
- Santa Martha (Niterói)
- Hospital Icaraí (Niterói)
- HOSB Oftalmologia (Niterói)

### TOTAL SAÚDE II / TOTAL FAMÍLIA V

- Todos do Total Saúde I / Total Família IV e mais:**
- H. Badim
  - H. São Lucas Copacabana
  - Casa de Saúde São José
  - Casa de Saúde Santa Lúcia
  - Centro Pediátrico da Lagoa
  - Clínica Pediátrica da Barra

PLANO/FAIXA	Fundamental*	Clássico	Exec. Especial	Total Saúde I* / Total Família IV*	Total Saúde II* / Total Família V*	Fund. Família*	Família II	Família III
0-18	R\$ 273,77	R\$ 633,70	R\$ 771,23	R\$ 308,78	R\$ 431,60	R\$ 290,48	R\$ 672,38	R\$ 818,30
19-23	R\$ 287,46	R\$ 665,42	R\$ 815,68	R\$ 324,22	R\$ 453,18	R\$ 305,00	R\$ 706,03	R\$ 865,46
24-28	R\$ 314,83	R\$ 728,76	R\$ 939,46	R\$ 355,10	R\$ 496,33	R\$ 334,04	R\$ 773,24	R\$ 996,80
29-33	R\$ 355,89	R\$ 823,82	R\$ 1.177,49	R\$ 401,40	R\$ 561,08	R\$ 377,61	R\$ 874,10	R\$ 1.249,35
34-38	R\$ 424,32	R\$ 982,26	R\$ 1.479,00	R\$ 478,60	R\$ 668,95	R\$ 450,22	R\$ 1.042,21	R\$ 1.569,27
39-43	R\$ 547,51	R\$ 1.267,44	R\$ 1.853,52	R\$ 617,55	R\$ 863,18	R\$ 580,93	R\$ 1.344,79	R\$ 1.966,65
44-48	R\$ 670,69	R\$ 1.552,59	R\$ 2.329,58	R\$ 756,50	R\$ 1.057,42	R\$ 711,63	R\$ 1.647,35	R\$ 2.471,76
49-53	R\$ 821,27	R\$ 1.901,14	R\$ 2.983,40	R\$ 926,33	R\$ 1.294,77	R\$ 871,39	R\$ 2.017,17	R\$ 3.165,48
54-58	R\$ 1.149,80	R\$ 2.661,56	R\$ 3.703,86	R\$ 1.296,86	R\$ 1.812,69	R\$ 1.219,97	R\$ 2.824,01	R\$ 3.929,91
59+	R\$ 1.642,55	R\$ 3.802,26	R\$ 4.332,25	R\$ 1.852,65	R\$ 2.589,55	R\$ 1.742,80	R\$ 4.034,32	R\$ 4.596,66

\*APENAS PARA RIO DE JANEIRO E REGIÃO METROPOLITANA

# Adufrj visita Caxias e coleta demandas de docentes

Sobrecarga administrativa e baixo número de bolsas foram discutidos em reunião entre sindicato e professores. Diretoria escolheu Campus da Baixada para iniciar roteiro de visitação às unidades

KELVIN MELO  
kelvini@adufrrj.org.br

Sobrecarga de trabalho, redução de bolsas de apoio à pesquisa e falta de orientação institucional para atuação junto a alunos e servidores com deficiências. Esses foram os principais temas abordados na reunião entre a diretoria da AdUFRJ e professores do campus de Duque de Caxias, na manhã de segunda-feira (13). O encontro foi a primeira de uma série de visitas do sindicato às unidades para ouvir as demandas dos colegas.

Além das muitas horas de aula que os 64 professores do campus precisam dar conta nos três cursos de graduação e três programas de pós, há um desgaste extra com tarefas administrativas. “Tivemos alguns concursos recentemente aqui e o corpo docente reduzido teve de fazer tudo. O estresse é muito grande”, afirmou o professor William Tavares, que citou outro exemplo do dia a dia. “Adoro dar aulas, mas às vezes não conseguimos dar aula no horário certo, porque temos que correr atrás de cabo HDMI do data-show, limpar ou consertar o equipamento. Precisamos entender melhor nossas atribuições”, completou.

“E agora tudo é no SEI (Sistema Eletrônico de Informações), que tem uma facilidade, mas nos atribui conhecer muito do administrativo. Estamos sobrecarregados”, continuou William. “A gente pensa ser docente-pesquisador e, quando chega aqui, a gente passa boa parte do tempo fazendo gestão ou administração”.

Outra delicada dificuldade enfrentada pelos docentes de Caxias é o crescente número de alunos com deficiências — hoje, somam 21 —, o que tem impactado no trabalho docente. “Precisamos de treinamento, de outros profissionais mais qualificados que possam atuar

em conjunto com psicólogos e neuropsicólogos, e mesmo de alternativas para garantir que o processo de ensino-aprendizagem seja adequado”, explicou Juliany Rodrigues, ex-diretora do campus e agora integrante do Conselho de Representantes da AdUFRJ.

Na maioria dos projetos dos professores do campus, os estudantes precisam defender um trabalho de conclusão de curso experimental, na interface entre a ciência básica e a tecnológica. “Estudantes com determinadas deficiências poderão, e até terão, muitas dificuldades para desenvolver os trabalhos, como aqueles com alguma deficiência física ou com membros superiores ou com deficiência visual”, exemplificou Juliany. “Algumas neurodivergências podem causar falta de autonomia e até mesmo déficits cognitivos que impactam a formação, o que pode afetar o trabalho em um laboratório com equipamentos complexos e a manipulação de reagentes químicos perigosos”, completou.

A drástica redução das bolsas de pós-graduação é outro ponto preocupante para os docentes do campus, com programas novos e muitos estudantes de baixa renda. “Se a gente não tem recursos, é degradação de nossa condição de trabalho. Se você tratar igual os desiguais, você será desigual”, observou o professor Karim Dahmouche.

## ENCAMINHAMENTOS

O sindicato pretende levar o debate sobre a atuação junto às pessoas com deficiência para a reitoria. Professora da Escola de Química e 2ª secretária da AdUFRJ, Andrea Parente considera que os pontos de sobrecarga docente e acolhimento dos alunos se conectam: “Na minha unidade, também recebemos estudantes atípicos, que pedem mais tempo de prova. E preciso ser duas para arrumar sala para eles fazerem a prova. Nós ficamos perdidos na boa vontade”, concordou. “Acho que a universidade fez um movimento que deve ser apoiado pela inclusão, mas ela exige uma capacitação”,



FOTOS: FERNANDO SOUZA

LOREM IPSUM dicit facilisi reprehendunt qui ex. Nec simul aper

completou o vice-presidente da ADUFRJ, Pedro Lagerblad.

A diretoria da AdUFRJ se solidarizou com os colegas quanto à escassez de bolsas. “Há uma concentração de bolsas. A pessoa que tem bolsa tem três. Outras não têm nenhuma. Não concordamos com isso”, disse a presidenta Ligia Bahia. “Existem programas nota 7 reclamando de cortes também. Essa briga é muito dura. Estamos nos preparando, reunindo informações”, completou.

Sobre os direitos e deveres dos professores, a presidenta da AdUFRJ disse que poderia ser elaborado um documento. “Temos o RJU (Regime Jurídico Único, de todos os servidores federais). Não temos nada específico para dentro da UFRJ. Nosso setor jurídico pode nos ajudar com isso”, afirmou.

Ao final, a docente avaliou de forma positiva o encontro. “Foi uma reunião produtiva para a gente ouvir e se emocionar. Estamos juntos, podemos pensar juntos e assim levar adiante a AdUFRJ”, disse.

## ROTEIRO DE VISITAS DA ADUFRJ

■ **13 de abril / 10h**  
Campus UFRJ Duque de Caxias – Auditório do Bloco C

■ **27 de abril / 12h**  
Colégio de Aplicação

■ **11 de maio / 10h**  
Escola de Belas Artes

■ **25 de maio / 10h**  
Escola de Educação Física e Desportos

■ **08 de junho / 10h**  
Observatório do Valongo

■ **22 de junho / 10h**  
Escola de Química

## PRÓ-REITOR TAMBÉM LAMENTA FALTA DE BOLSAS

■ Sobre a escassez de bolsas, a pró-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa respondeu que o problema é geral e não atinge apenas Caxias. “Tem poucas bolsas, sim, para todo mundo. As bolsas não vão apenas para programas consolidados”, afirmou o pró-reitor João Torres. Com as chamadas bolsas de Demanda Social, distribuídas pela reitoria, há um esforço para contemplar programas com notas menores. De 2023 a 2025, de acordo com apresentação enviada à reportagem, programas nota 5 receberam mais bolsas de doutorado que cursos notas 5, 6 ou 7.

“Do CNPq, tivemos 41 bolsas de doutorado em março e teremos mais 41, em agosto. É muito menos que uma bolsa por programa”, completou. Bastaria dizer que a história começou em Xerém, um distrito de Caxias, em 2008, com módulos alimentados por geradores, em um terreno compartilhado com time de futebol e uma fundação do município. Mas não foi só isso. Quando a UFRJ iniciou a transferência para o atual endereço, em 2018, o campus sequer apresentava água encanada. O sistema elétrico não comportava a instalação de aparelhos de ar-condicionado em todas as salas e laboratórios. Em dias de muito calor, aulas eram suspensas. Os prédios, herança de um projeto abandonado da prefeitura local, nunca haviam passado por uma reforma nos telhados — cada chuva representava goteiras, infiltrações, perda de mobiliário e até de equipamentos.

A “virada de chave” aconteceu em 2025. As obras de reforma dos telhados, iniciadas em setembro de 2024, acabaram em

# CAMPUS PLANEJA NOVOS CURSOS

> Prédio em construção deverá abrigar Medicina, Biofármacos, Ciência de Dados e Licenciatura Interdisciplinar



KELVIN MELO  
kelvini@adufrrj.org.br

A densar um espaço da universidade à beira da Rodovia Washington Luiz com novos cursos e oferecer mais assistência para um corpo estudantil muito vulnerável. Essa é a missão assumida pela professora Marisa Suarez, diretora do campus da UFRJ em Duque de Caxias desde novembro de 2024. “Há muitos desafios”, diz.

É difícil, mas nada parece impossível para o grupo de professores, técnicos e alunos que há 18 anos luta com garra para fazer ensino, pesquisa e extensão na Baixada Fluminense enfrentando cenários bastante adversos.

Bastaria dizer que a história começou em Xerém, um distrito de Caxias, em 2008, com módulos alimentados por geradores, em um terreno compartilhado com time de futebol e uma fundação do município. Mas não foi só isso. Quando a UFRJ iniciou a transferência para o atual endereço, em 2018, o campus sequer apresentava água encanada. O sistema elétrico não comportava a instalação de aparelhos de ar-condicionado em todas as salas e laboratórios. Em dias de muito calor, aulas eram suspensas.

Os prédios, herança de um projeto abandonado da prefeitura local, nunca haviam passado por uma reforma nos telhados — cada chuva representava goteiras, infiltrações, perda de mobiliário e até de equipamentos. A “virada de chave” aconteceu em 2025. As obras de reforma dos telhados, iniciadas em setembro de 2024, acabaram em

junho do ano passado. A expansão da rede elétrica e instalação da ligação dos 103 aparelhos de ar-condicionado também foram concluídas no mesmo mês. “A reforma elétrica permitiu que a gente pudesse ligar equipamentos em laboratório de forma simultânea. Antes, ligava um, não podia ligar outro. Agora temos capacidade para fazer isso”, afirma a professora Luisa Ketzler, diretora da ADUFRJ e docente do campus.

É esse mínimo de condições de infraestrutura que permite à comunidade universitária sonhar com voos mais altos. Está prevista para janeiro de 2028 a entrega de um novo prédio (bloco F), aos fundos do campus, que está sendo construído pela Prefeitura de Duque de Caxias. A nova estrutura deve abrigar 6 laboratórios (5 didáticos e 1 anatômico), 18 salas (15 de 58 m<sup>2</sup> e 3 de 86 m<sup>2</sup>), uma biblioteca e um espaço para os docentes.

A ideia é aproveitar a futura instalação para quatro novos cursos: Medicina (com entrada de 30 alunos por semestre), Biofármacos (20/ano), Ciência de Dados (20/ano) e Licenciatura Interdisciplinar (25/semestre). Todos já fazem parte do Plano de Desenvolvimento Institucional da UFRJ até 2029.

Desde a instalação da UFRJ no campus, ficarão todos os núcleos de pesquisa hoje espalhados e parcialmente acomodados em módulos habitacionais. “Mas não acabaremos com os módulos. Com o crescimento do corpo docente, precisaremos de mais espaço”, completa Marisa.

No bloco D, ficarão concentrados os equipamentos de pesquisa de grande porte do campus, que atendem não só à UFRJ, mas a outras instituições, com foco interdisciplinar. O projeto básico já foi finalizado. A previsão de conclusão da obra é junho de 2027.

Outra iniciativa em andamento é a instalação de placas fotovoltaicas nos telhados. A diretora está otimista e espera concluir esta etapa ainda em 2026.

## APOIO AOS ESTUDANTES

Uma das grandes preocupações no campus é o cuidado com os estudantes, 80% deles os primeiros da família a cursar o ensino superior, de acordo com o levantamento mais recente disponível — o perfil socioeconômico do corpo discente será atualizado este semestre, por meio de um questionário para elaboração do Plano de Desenvolvimento da Unidade (PDU).

“A gente se depara com alunos em situação de muita vulnerabilidade. Ah, professora, não posso ir todos os dias porque não tenho dinheiro para a passagem”. São questões delicadas que afetam o trabalho docente”, afirma Marisa.

Os estudantes têm direito ao Jaé Universitário com gratuidade apenas no município do Rio. “O aluno que mora em Campo Grande pega a condução com o Jaé, vai até o Fundão, pega o nosso ônibus intercambi e chega ao campus. Mas o aluno que mora em outro município não tem isso. Muitos dependem do auxí-

## RAIO-X DO CAMPUS

**64** professores efetivos  
**65** técnicos-administrativos  
**563** alunos de graduação  
**93** alunos de pós

**3 cursos de graduação:** Ciências Biológicas, Biotecnologia, 50 alunos por semestre; Ciências Biológicas, Biofísica, 40 alunos por ano; e Nanotecnologia, 20 alunos por ano.

**3 programas de pós:** Programa de Pós-graduação em Formação em Ciências para Professores (nota 4 na Capes); Programa Multicêntrico de Pós-graduação em Bioquímica e Biologia Molecular (nota 5); e Programa de Pós-graduação em Nanobiossistemas (nota 4).

**8 laboratórios didáticos:** 1 de Biologia, 1 de Química, 2 de Computação, 3 de Física e 1 de Microscopia

**3 de pesquisa:** (NUMPEX BIO; NUMPEX COMP; NUMPEX NANO).  
Fonte: direção do campus Caxias

lio-transporte da universidade”, explica a diretora. A pró-reitoria de Políticas Estudantis (PR-7) informa que 100 estudantes de Caxias receberam o benefício em dezembro do ano passado.

O bandejão local serve até 300 refeições no almoço e, desde março do ano passado, 100 lanches no café da manhã. “Mas já há um pedido atual dos alunos para ampliar o funcionamento para o jantar também. Eles chegam de manhã e voltam para casa de noite com fome”.

Em Caxias, mesmo o básico foi conquistado recentemente para

dar um pouco mais de conforto para o segmento. Bancos de madeira foram instalados nos corredores para acomodar os estudantes fora do horário de aulas e o espaço da biblioteca passou por uma reorganização para ampliação de uma sala de estudos.

Uma preocupação recorrente do corpo docente é o atendimento a estudantes com deficiência e as adaptações pedagógicas necessárias. Segundo a professora Luisa Ketzler, que faz parte da Comissão Interna de Acessibilidade, o número de estudantes atendidos aumentou consideravelmente no pós-pandemia.

Luisa informa que há um diálogo constante com a Diretoria de Acessibilidade da universidade (DIRAC), responsável pela alocação de monitores de acessibilidade e inclusão. “Ainda assim, é imprescindível institucionalizar orientações para a condução de estágios obrigatórios práticos e experimentais e para o desenvolvimento de monografias, necessárias à conclusão do curso”, afirma.

## MAIS INSTITUCIONALIZAÇÃO

O campus de Caxias aparece no estatuto da universidade desde 2018 como se não tivesse nenhuma unidade acadêmica. Ele funciona ainda com um conselho deliberativo provisório. A diretora possui mandato de apenas dois anos, prorrogáveis por mais dois.

No final do ano passado, uma comissão interna formada por docentes e técnicos-administrativos ficou encarregada de elaborar um novo regimento. “A comissão se reuniu algumas vezes em 2025 e já revisou o organograma do campus. Estamos na fase de discussão e ajustes. No entanto, o trabalho está paralisado, devido à greve dos servidores”, explicou a diretora do Campus, Marisa Suarez.

## ADICIONAL DE INSALUBRIDADE É OUTRA PREOCUPAÇÃO

Os professores de Caxias também manifestaram indignação com a não concessão dos adicionais de insalubridade por parte da universidade. Ou com o pagamento em percentuais diferentes para

colegas que trabalham no mesmo laboratório, sob as mesmas condições.

A assessora jurídica da AdUFRJ, Mariana Lindenmeyer, que também acompanhou o encontro em Caxias, afirmou

que o tema é recorrente nos atendimentos oferecidos pelo sindicato. “Muitos pedidos são indeferidos pela ausência de perícia administrativa. Uma das ações coletivas que fizemos é para obrigar a UFRJ a fazer.

Além disso, fazemos ações individuais”. Para quem quiser tirar dúvidas, a advogada orientou a marcação de um horário no plantão jurídico da AdUFRJ.

Durante a reunião, os docentes receberam informações

sobre as ações e planos dos primeiros seis meses de mandato na AdUFRJ — com destaque para a sede do sindicato que será construída na Cidade Universitária —, e os convênios oferecidos.

# SEJAM BEM-VIND@S, COLEGAS!

Kelvin Melo  
kelvin@adufjr.org.br

Treze novos professores reforçam o quadro da UFRJ a partir desta semana: são 9 no Colégio de Aplicação, 1 no Instituto de Estudos em Saúde Coletiva, 1 na Escola de Educação Física e Desportos, 1 no Instituto de Psicologia e 1 na Escola de Comunicação. O grupo — que recebeu materiais de boas-vindas da ADUFRJ — assinou o termo de posse em uma pequena cerimônia realizada no gabinete da reitoria, na segunda-feira, 27.

“É sempre um momento muito especial receber novos servidores. A UFRJ é uma potência reconhecida nacional e internacionalmente. Só que ela não é feita das suas edificações. Ela é feita de pessoas”, afirmou o reitor da universidade, professor Roberto Medronho. “Temos problemas, mas nenhum deles é relacionado à qualidade, à excelência e ao compromisso com a sociedade. O que vocês vão fazer é manter e ampliar a excelência da universidade”, completou.

Virna da Silva Bemvenuto, do Colégio de Aplicação, não escondia a emoção durante o evento. “Amo ser professora. É uma grande realização para mim e para toda minha família”, disse a docente, que vai integrar o Setor Curricular de Artes Visuais da escola.

Confira a seguir o depoimento dela e de mais três colegas ouvidos pelo Jornal da AdUFRJ.



**VI RNA DA SILVA BEMVENUTO**  
SETOR DE ARTES VISUAIS DO CAP

Sou do Jardim Novo, em Re-alengo, da periferia do Rio, e é uma grande realização para mim e para minha família ter passado para a UFRJ. Amo ser professora. Estou muito animada para todas as frentes de trabalho.

Espero contribuir para a construção de uma educação pública, gratuita, laica, democrática e de qualidade, que é a tradição do Colégio de Aplicação. Tive a oportunidade de fazer o estágio supervisionado lá durante meu curso na Escola de Belas Artes da UFRJ, em 2019. Depois, fui substituída no colégio entre 2022 e 2023, quando vivi uma experiência transformadora: ali eu entendi meu desejo de me engajar nesse espaço de luta e de arte na educação pública.

Presenciei quando a educação infantil recebeu o laudo de interdição e participei desse processo doloroso de ir para outro território desconhecido, e muito limitado, para as crianças pequenas. Houve muito trabalho de acolhimento e reinvenção. Mais recentemente, houve a queda do muro. Ainda são vários desafios enfrentados atualmente. São muitos pedaços de escola que a gente precisa recolher para pensar em estratégias políticas e poéticas para a construção de outros possíveis na escola diante os processos de precarização. Acredito que, com esse corpo social muito potente da UFRJ, vamos conseguir trabalhar juntos nisso.



**VICTOR CORRÊA NETO**  
EDUCAÇÃO FÍSICA

A ficha está caindo aos poucos. Mas a sensação é de felicidade de poder fazer parte desta instituição gigante. Assim que recebi a notícia da aprovação, ainda no ano passado, compartilhei logo com a família e minha namorada. Estou animado, realizando um grande sonho!

Conheço bem a realidade da Escola de Educação Física. Sou do Rio de Janeiro mesmo. Concluí o mestrado lá em 2013, assim como o doutorado, em 2020. Fui professor substituto de 2023 até 2025. Mas, independentemente da estrutura física do prédio, que passou por dois desabamentos no telhado, o que observo é a mudança que continua acontecendo na vida dos estudantes.

Pretendo atuar ao máximo que puder no ensino, na pesquisa, na extensão. Na pesquisa, venho trabalhando nos últimos anos com resposta da pressão arterial ao exercício físico, com marcadores genéticos de hipertensão arterial e quero continuar nessa linha.



**MELINA APARECIDA DOS SANTOS SILVA**  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

Achei que não tinha passado para a UFRJ e não fui ver o resultado do concurso. Os amigos ligaram me avisando e levei um choque. Comecei a gritar no meio da rua (risos).

É uma grande responsabilidade ser professora da UFRJ. Você entra com a pressão de seguir um nível muito alto de excelência. O que é desafiador, mas estou com bastante energia para gastar.

As minhas expectativas são as melhores possíveis. Esperei muito por este momento. Nasci em Barra do Piraí, fiz a graduação em Jornalismo no Centro Universitário de Barra Mansa. Mudei para cá, em 2011, para fazer o mestrado e doutorado na UFF. Depois, fiz dois pós-doutorados: um na PUC-RS e outro, na própria UFF, no programa de Culturas e Teritorialidade. Acabei me descobrindo na docência. É um lugar libertador e onde é possível fazer a diferença na sociedade.

Entre agora na ECO, na disciplina de Teorias da Comunicação e Antropologia, do núcleo comum das habilitações. Pesquiso culturas urbanas, principalmente cenas musicais de rock e heavy metal. Comecei pesquisando bandas aqui no Brasil, mas depois passei a estudar a cena de Angola, somente com instrumentistas negros. Tento mostrar como essas bandas apresentam uma outra forma de ser negro, no contemporâneo. Aqui no Rio, por exemplo, essa identidade é muito ligada somente ao samba.



**MARIANA MOLLICA**  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

É a maior conquista da minha vida. Fiz 13 concursos em todo o país. Esse é o segundo para o qual passo como professora efetiva de Universidade Federal. Passei na UniRio em 2023 para uma vaga na Educação. Mas meu maior sonho era a UFRJ. Terminei aqui o mestrado em 2005 e o doutorado em 2014, além do pós-doutorado pela CAPES e FAPERJ. Pesquiso a partir da Psicanálise intervenções de uma clínica-política na contramão da necropolítica, cujo Rio de Janeiro é o Epicentro do extermínio da população negra e periférica no país.

Sou hoje coordenadora acadêmica da Rede de Atenção a Pessoas Afetadas pela Violência do Estado (RAAVE), um projeto no qual 100 mães de vítimas mortas pela polícia se tornaram pesquisadoras bolsistas da UFRJ e também agentes de saúde mental, ligadas ao SUS, SUAS e instituições da Justiça. Temos estudado também como os conceitos da psicanálise podem ser revisitados a partir de autores negros e indígenas que, normalmente, não são validados na área acadêmica. Quero dar continuidade a esse campo de construção do conhecimento e em áreas afins, ligadas às questões de gênero e outras vulnerabilidades sociais.

No ensino, vou assumir quatro disciplinas neste semestre, duas delas são conceitos fundamentais em Psicanálise. Introduzo à Freud: o desafio é transmitir o inconsciente para os estudantes a partir da vivência deles...Estou animadíssima!!

Já dei essas disciplinas antes, mas agora, como docente da UFRJ, será algo completamente novo para mim.

FOTOS: FERNANDO SOUZA

# Programa da Capes liga redes brasileiras ao mundo

> Capes Global estimula a colaboração entre instituições de pesquisa do país e sua conexão com parcerias internacionais, com recursos de R\$ 1,4 bilhão. UFRJ coordena um dos 33 grupos formados

ALEXANDRE MEDEIROS  
comunica@adufjr.org.br

A UFRJ lidera uma das 33 redes universitárias contempladas pelo novo programa de internacionalização da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), o Capes Global. Edu. A seleção final, divulgada em 20 de março, abriga 112 instituições de ensino e pesquisa das cinco regiões do país, reunidas em 33 redes que terão como objetivo promover a colaboração científica entre as suas integrantes, além de parcerias internacionais. Os recursos totais do programa são de R\$ 1,4 bilhão para o ciclo 2026-2030.

Coordenada pela UFRJ, a rede Diálogos Globais para Cooperações Multilaterais e Equitativas conta também com a participação da Universidade Federal do Acre (UFAC), das estaduais do Rio Grande do Norte (UERN) e do Sudoeste da Bahia (UESB), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. São ao todo 105 programas de pós-graduação (PPGs) envolvidos, sendo 77 da UFRJ, nove da UESB, oito da UTFPR, cinco da UFAC, quatro da UERN e dois do Jardim Botânico.

O Capes Global substitui e amplia o antigo programa Print, que investiu na internacionalização de 35 instituições de educação superior. “O novo programa amplia para 112 instituições e busca a cooperação em torno de temas de importância global. Agradeço o empenho da comunidade acadêmica, que enviou 54 projetos, a maior parte altamente qualificada. O comitê internacional elogiou muito a Capes pelo desenho do programa e a comunidade científica pela excelência dos projetos”, comemora a presidenta da Capes, professora Denise Pires de Carvalho.

## SOLIDARIEDADE

Um dos principais articuladores da rede da UFRJ, o pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa, professor João Torres, vê no programa um avanço não só no caminho da internacionalização, mas também da colaboração interna entre as instituições. “Nossa rede é uma das maiores em número de PPGs. Estou muito animado com a possibilidade de colaborar com os PPGs



EDITORIA DE ARTE

“**Nossa experiência internacional vai ser compartilhada, contribuindo para a evolução das outras instituições”**

**ETHEL PINHEIRO**  
Professora da FAU/UFRJ

pelo Brasil, temos instituições de regiões periféricas. Nós não temos financiamento para fazer pesquisa articulada entre PPGs no Brasil. Temos recursos para ir ao exterior, mas faz falta um programa forte de articulação interna. O Capes Global vem colaborar nesse sentido”, avalia.

A rede tem quatro eixos temáticos: Ciências da Vida, Saúde e Meio Ambiente; Energia, Infraestrutura e Cidades Sustentáveis; Educação de Qualidade e Ciência Básica; e Equidade, Justiça e Sociedade. “Temos R\$ 71 milhões para gastar em quatro anos (veja tabela), estimamos em 12 mil pessoas beneficiadas por essa rede. São recursos para viagens de pesquisadores e de alunos e, sobretudo, bolsas em vários níveis”, explica João Torres. O trabalho começa em 1º de junho próximo e vai até julho de 2030 — as verbas se encerram em 2029, mas as saídas podem ocorrer até 2030.

Para a professora Ethel Pinheiro (FAU/UFRJ), do Comitê Administrativo da rede, o Capes Global é um programa inovador: “Ele não nos faz pensar com a cabeça de uma só instituição, mas com uma ideia de solidariedade. As redes são formadas por uma instituição coordenadora, já com elevado estágio de internacionalização, e instituições associadas que estão em processo de desenvolvimento internacional, são de menor porte, ou afastadas dos grandes centros. É um programa que nos faz pensar em rede”.

Nesse conceito, segundo a professora da FAU, a UFRJ tem muito a trocar com as parceiras da rede. “Temos cinco instituições com PPGs cujos temas se cruzam com o que a UFRJ faz. O Jardim Botânico faz pesquisas com a Mata Atlântica que têm muita interseção com pesquisas nossas em meio ambiente. Temos mais de 450 parcerias internacionais mapeadas na rede, sendo mais de 400 da UFRJ. Nossa experiência internacional vai ser compartilhada, contribuindo para a evolução das outras instituições. Tenho 20 anos de UFRJ e nunca vivi algo assim”, diz Ethel Pinheiro.

## POTENCIAL

O entusiasmo da professora da FAU é compartilhado por outras participantes da rede Diálogos Globais. Para a pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação da UFRJ, professora Margarida

Lima Carvalho, a participação na rede é estratégica. “A inserção em uma rede liderada por uma instituição de reconhecida excelência acadêmica possibilita o acesso a circuitos internacionais de pesquisa já estabelecidos, favorecendo a formação de consórcios e o desenvolvimento de projetos multicêntricos com outras instituições associadas”, avalia a pró-reitora.

Margarida Carvalho acredita que os PPGs da UFRJ — que envolvem 75 docentes e 166 alunos — têm grande contribuição para a rede: “Há o potencial de internacionalização de temáticas estratégicas vinculadas à Amazônia nas áreas de saúde, educação, inovação e sustentabilidade, permitindo à UFRJ transformar suas especificidades regionais em ativos relevantes no cenário científico global”.

A chegada do Capes Global é saudada pela pró-reitora da UFRJ, mas ela aponta a necessidade de investimentos contínuos em pesquisa no país. “O programa é um avanço importante, mas é indispensável que seja acompanhado por financiamento doméstico robusto e contínuo para a pesquisa de ponta, especialmente em regiões estratégicas como a Amazônia”, diz ela. Pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação da UERN, a professora Ellany Gurgel avalia que, em um cenário de restrição orçamentária, a chegada do Capes Global é estratégica: “O programa introduz uma lógica baseada

em cooperação em rede, permitindo o compartilhamento de infraestrutura e conhecimento, o desenvolvimento de pesquisas colaborativas nacionais e internacionais e a ampliação de oportunidades para docentes e pós-graduandos. Para instituições localizadas fora dos grandes centros, como a UERN, isso é ainda mais relevante, pois contribui diretamente para a redução de desigualdades regionais na produção científica”.

Os PPGs da UERN participantes da rede têm atividades sediadas em cidades do interior do Rio Grande do Norte, como Mossoró, Caicó e Pau dos Ferros. “A importância da rede está na interiorização da internacionalização, na ampliação de oportunidades de cooperação internacional, mobilidade acadêmica e produção científica para além dos grandes centros. Isso fortalece a democratização do acesso à ciência”, ressalta Ellany.

## ORÇAMENTO NA UFRJ

**71,4 milhões**

(2026-2030)

**.9,2 milhões**

para missões

**.3,1 milhões**

para projetos e ações institucionais

**.59,1 milhões**

para bolsas

**2026: 17,1 mi**

**2027: 18 mi**

**2028: 18,2 mi**

**2029: 18,1 mi**

# UNIVERSIDADE DO MAR

ALESSANDRO COSTA

> UFRJ vai oferecer cursos de capacitação para comunidades tradicionais da Baía de Guanabara

**ESPERANÇA:** A pescadora Márcia Cristina pretende participar dos cursos que serão oferecidos na UFRJ em busca de dias melhores para a família e para a própria baía

**KELVIN MELO**  
kelvin@adufrrj.org.br

**A** ligação da UFRJ com o mar é antiga. Seu principal campus está debruçado sobre a Baía de Guanabara. Um dos seus cursos mais tradicionais, o de Engenharia Naval e Oceânica, existe há mais de 50 anos. A Biologia Marinha oferecida no CCS é uma das referências da área. A descoberta e exploração do pré-sal contou com a decisiva participação da universidade.

Agora chegou a vez de ampliar esse vínculo. Em parceria com o movimento socioambiental Baía Viva e a Petrobras, o Hangar Náutico da UFRJ vai sediar um Centro de Formação em Economia do Mar, voltado para a capacitação de comunidades tradicionais da Baía de Guanabara, como indígenas, pescadores e quilombolas.

A coordenação da iniciativa, lançada no último dia 17, caberá ao Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Econômico e Social (Nides/UFRJ). “Uma das bases do Nides é o UFRJ Mar, que há mais de 20 anos articula grupos da universidade nesta temática. Da biologia marinha, dos esportes marítimos, da engenharia naval e tantos outros”, afirma o diretor da unidade, professor Felipe Addor.

Antes do apoio da Petrobras, o Nides e o movimento Baía Viva já haviam realizado cursos de carpintaria naval no mesmo hangar. O lançamento do

centro de formação consolida e coroa essa trajetória. “Vimos que faltava na universidade, especialmente no Fundão, um espaço para fortalecer o intercâmbio com a sociedade. Um espaço para apoiar atividades de extensão, para receber pessoas de fora e realizar processos de formação”, diz. “A universidade pública tem sido muito atacada. Acreditamos que o fortalecimento dessa relação com a sociedade e das ações de extensão pode ajudar a valorizar o papel da universidade”.

Dez professores devem atuar diretamente no centro de formação, além de um grupo de 30 a 40 estudantes de graduação e pós-graduação. “Tudo isso será registrado como atividade de extensão”, esclarece Felipe.

## DEZ CURSOS

Estão previstos dez cursos e oficinas. Entre eles, carpintaria naval artesanal, turismo de base comunitária e mecânica de motor de barco. “Estamos ressignificando este espaço que foi construído em cima de oito ilhas aterradas para receber a universidade”, disse o coordenador do Baía Viva, Sérgio Ricardo.

“Moravam aqui os pescadores artesanais e, antes deles, os povos indígenas. Mas hoje os pescadores moram nos lugares mais degradados da Baía de Guanabara ou da Baía de Sepetiba onde não têm o saneamento básico”, completou.

As atividades acontecerão em sete municípios (Itaboraí, Caxias, Cachoeiras de Macacu, Maricá, Guapimirim, Magé e São Gonçalo) e no Hangar, que está sendo reformado com os

“**O fortalecimento das ações de extensão pode ajudar a valorizar o papel da universidade**”

**FELIPE ADDOR**  
Diretor do Nides

recursos da Petrobras. No local, haverá três salas para 40 pessoas e um refeitório. O alojamento local e o pier serão reformados.

O primeiro curso, de viveiristas agroflorestais começa em maio, em Maricá. “Faremos um viveiro para 50 mil mudas de espécies nativas da Mata Atlântica. São 30 vagas e já temos 100 inscritos”, informa Sérgio. “No segundo semestre, teremos a turma do estaleiro-escola. Vamos construir um catamarã movido a energia solar e elétrica para 15 tripulantes”.

## INTERAÇÃO

A reitoria espera que o centro de formação renda frutos para a sociedade e para a própria UFRJ. “Será um momento de muito aprendizado. O conhecimento não está só na universidade. O conhecimento também está no povo, que cria muitas inovações no seu dia a dia. Acredito que a interação entre esses conheci-

mentos trará as grandes inovações tecnológicas e sociais para mudar este país”, disse o reitor local e o pier serão reformados.

Márcia Cristina, de 55 anos, integrante da cooperativa Manguezais da Guanabara, está ansiosa pela troca de experiências com a universidade. Mais uma. A pescadora já fez parte da segunda turma do curso de carpintaria naval promovido pelo Nides há cerca de dois anos. Antes, nunca havia entrado na universidade. “Eu amei. Aqui eu aprendi novas técnicas. Foi muito bom”.

Márcia agora pretende participar dos novos cursos que serão oferecidos, ao lado da neta Júlia, esperançosa de dias melhores para a Baía de Guanabara e para sua família. “A Baía de Guanabara representa vida, porque ela é o berço de aves migratórias e de muitos peixes. E é dali que nós tiramos nosso sustento”.

## HOMENAGEM AO PROFESSOR E GEÓGRAFO ELMO AMADOR

O Baía Viva surgiu na década de 1980, quando pesquisadores e ecologistas enfrentaram a ditadura para impedir os aterros dos manguezais da Guanabara. Um dos principais expoentes daquela resistência foi o professor e geógrafo Elmo Amador, ex-diretor do Instituto de Geociências (1985-1989) e ex-diretor da ADUFRJ (1993-1995), que morreu em 2010.

Durante o lançamento do centro de formação, Elmo recebeu como homenagem a exibição de um vídeo sobre sua trajetória. “O Elmo deve estar vendo essa continuidade da luta com muita alegria, de onde estiver”, disse a viúva Zulmira Bittencourt Amador, a Zuzu, que prestigia a solenidade ao lado das netas. Uma delas, também geógrafa. “Ainda bem que os jovens estão pegando essa bandeira também”, comemorou.



ACERVO DA FAMÍLIA

# Um passeio pelo mundo do microscópico

> Alunos de cinco escolas públicas visitaram 19 laboratórios do Instituto de Ciências Biomédicas e tiveram o primeiro contato com pesquisas da UFRJ. Visita integrou programa de aniversário do ICB

**SILVANA SÁ**  
silvana@adufrrj.org.br

**C**ultura de células em laboratório, experiências com regeneração de tecidos ósseos, cultivos de células-tronco. Um gigante universo microscópico encantou pequenos e jovens estudantes de escolas públicas do Rio de Janeiro que participaram do ICB de Portas Abertas. O projeto de extensão literalmente abriu as portas de 19 laboratórios de pesquisa do Instituto de Ciências Biomédicas para 160 alunos de cinco escolas públicas das cidades do Rio de Janeiro e Volta Redonda. As atividades ocorreram na semana de comemorações dos 57 anos do instituto.

A professora Lívia Ribeiro Rosário, dá aulas de ciclo de leituras para os estudantes do GET D. Pedro I, na Barra da Tijuca. “Nosso colégio atende a crianças da Tijuquinha, Muzema e Rio das Pedras, majoritariamente. Em menor quantidade, temos alunos da Cidade de Deus e da Rocinha”, conta. “São crianças que nunca tiveram contato com a universidade. Estar aqui abre uma porta que eles nem sonham, porque não faz parte da realidade deles”, disse a professora, que acompanhava alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Lívia parabenizou a iniciativa. “Estar na universidade mostra para eles que eles podem e devem estudar aqui. Destrava sonhos, eles descobrem habilidades e interesses. Isso é muito importante”, avaliou.

Nataly Scarparo, do 2º período de Ciências Biomédicas, era a

monitora do grupo. Ela contou que se apaixonou pelo curso justamente durante uma visita ao ICB com sua antiga escola. “Gosto muito de poder levar os estudantes a conhecerem coisas novas. Mostrar que eles podem ficar encantados, como eu fiquei”, disse. Ela era aluna da Escola Municipal São Paulo, em Brás de Pina, Zona Norte da cidade. “Vim duas vezes conhecer os laboratórios do ICB. Foi muito importante ter tido aquelas experiências para eu me identificar com a área e acreditar que poderia estudar aqui. Quando conheci a UFRJ, vi que era possível”, afirmou.

Os olhos atentos das crianças e adolescentes não perdiam uma explicação em cada laboratório descortinado. Para Mariane Callegare, aluna do 9º ano da Escola Municipal João Mendonça, no Pechincha, Zona Sudoeste do Rio, visitar as instalações do ICB foi um programa imperdível. “É a primeira vez que venho à UFRJ. Achei muito importante a visita. A gente se sente pertencente. É muito bom visitar e saber que a gente pode estar aqui um dia”.

Coordenadora do Laboratório de Biotecnologia, Bioengenharia e Biomateriais Nanoestruturados (Laben), a professora Sara Gemini Pipermi afirmou que poder mostrar a produção da universidade é uma das formas de a instituição prestar contas para a sociedade e conseguir apoio social. “É preciso entender para preservar. Aqui, neste laboratório, nós temos inúmeros projetos relacionados à medicina de precisão, nanomateriais, equipamentos de ponta. É importantíssimo e muito bom que tenhamos escolas e alunos que não têm



ALESSANDRO COSTA

“**É extremamente importante trazer a sociedade para junto da gente e mostrar que a gente faz ciência de qualidade**”

**LEANDRO MIRANDA-ALVES**  
Vice-diretor do ICB

contato próximo com esse campo”, disse. “A gente tem que devolver para a sociedade todo esse conhecimento aplicado”, defendeu.

“É extremamente importante trazer a sociedade para junto da gente e mostrar que a gente faz ciência de qualidade e que isso tem impacto na vida das pessoas”, analisou o vice-diretor do ICB, professor Leandro Miranda-Alves. “A gente ouve vários depoimentos de alunos que mudaram a perspectiva quando conheceram o ICB”, contou o docente. “Uma vez, no início da visita, ouvi de um menino que ele queria ser policial, porque era a realidade que ele conhecia. Depois da visita, ele disse que queria ser biomédico.

Se a gente muda uma cabeça, a gente já tem uma grande conquista. De pouco em pouco, a gente muda a realidade.

A pequena Maria Alice, que completou dez anos um dia após a visita aos laboratórios, mostra a força e a importância de conhecer a universidade. Ela estuda na Escola Municipal Alfredo de Paula Freitas, em Irajá, Zona Norte do Rio. É aluna do 4º ano do Ensino Fundamental. “Eu gostei muito de vir aqui! É muito legal ver as células de verdade. Agora eu quero ser dentista”, disse. “E eu quero ser veterinária, cuidar dos bichinhos e do laboratório!”, completou Emanuelly Victória, de 9 anos, colega de turma de Maria Alice. Voem, meninas.

## ‘O PAPEL DA MÍDIA É SER O OLHO DA SOCIEDADE’

No encerramento das comemorações do ICB, a jornalista Ana Lúcia Azevedo, do Jornal O Globo, falou sobre o jornalismo científico e a importância da divulgação científica para a sociedade e para os pesquisadores. “O papel da mídia é ser o olho da sociedade, mas a gente precisa equilibrar o tempo inteiro a relevância e assuntos que chamem atenção da sociedade”, disse.

Para a jornalista, o conhecimento está mais fragmentado com o advento das mídias sociais. “Nas redes sociais, a gente segue precisando trabalhar com relevância

e interesse, mas de forma muito mais intensa do que no impresso. Não temos mais o tempo para captar a atenção e o interesse do leitor. É tudo muito mais instantâneo”, avaliou. “É preciso capturar a atenção do público em geral, não especializado. Não se trata de uma publicação técnica”, ponderou a profissional, sobre a necessidade de “traduzir” temas áridos. “Construir essa ponte até o leitor é mais fácil com as ciências aplicadas do que com a ciência básica”, reconheceu.

Ana Lúcia também defendeu a

importância de textos claros, que simplifiquem conceitos. “É muito importante ter objetividade e traduzir termos técnicos. Eu sei que às vezes os senhores ficam bravos, mas é importante ter em mente que o leitor não é um especialista naquela área ou naquela pesquisa”, justificou. “Se o leitor não entende, ele não lê. E aí fica aquela linda matéria que ninguém lê”. A jornalista também enfatizou a busca por histórias que humanizem o texto e que tracem paralelos com o cotidiano. “É muito mais fácil lembrar de uma história e fazer a associação com um conceito científico do que lembrar que o ‘vírus x’ pode causar problemas de memória no longo prazo”.

A profissional defendeu o rigor

da apuração e falou sobre o compromisso do jornalismo e da ciência no combate a fake news. “Eu acredito que a ciência é o maior antídoto contra fake news. Você só tem como combater mentira com dados. É nosso papel enquanto jornalista corrigir desinformação. E o respaldo social se constrói com a relação entre a divulgação científica e a sociedade”.

A conferência da jornalista integrou uma vasta programação que contou também com debates sobre a formação de recursos humanos na área de ciências biomédicas, debates com especialistas, workshops e apresentações de pôsteres de pesquisas. A ideia foi mostrar o impacto do instituto na sociedade e ao mesmo tempo dis-

cutir temas que fazem parte do dia a dia e da produção do ICB. É o que explica a professora Flavia Gomes, que coordenou a comissão organizadora do evento.

“Somos um instituto que faz uma ciência básica de excelência e uma ciência básica que é utilizada, digamos assim, para a criação de diversas estratégias de resolução de problemas de saúde pública, como a criação de novas terapias e diagnósticos para diversas doenças”, ilustra a docente. “A ideia foi usar essa semana para comemorar, mas principalmente para levantar temas transversais que pudessem mostrar o impacto do ICB nas suas diversas frentes”, revelou. “Tentamos fazer essa espécie de síntese da nossa atuação”.

# Debate expõe divergências sobre o antissemitismo

> Encontro no Itamaraty é marcado pela polêmica em torno das ações do governo de Israel nos territórios palestinos. Michel Gherman defende criação de um conceito brasileiro sobre o tema

ALEXANDRE MEDEIROS  
comunica@adufrj.org.br

Brasil precisa ter uma definição própria sobre o antissemitismo, a partir de sua própria experiência no enfrentamento

a outros tipos de preconceito e discriminação, como o racismo e a misoginia. Essa foi a posição defendida pelo professor Michel Gherman (IFCS/IH/UFRJ), diretor da AdUFRJ, no seminário “Enfrentamento ao Antissemitismo: reflexões sobre o cenário internacional”, promovido pelo Ministério das Relações Exteriores, no último dia 16 de abril, em Brasília. O evento reuniu especialistas em três mesas de debates, e expôs visões divergentes sobre o tema.

Os debatedores abordaram as três principais definições de antissemitismo — a da Aliança Internacional pela Memória do Holocausto (IHRA), a Declaração de Jerusalém e o Projeto Nexus. Alinhados ao governo de Israel, os representantes da Confederação Israelita do Brasil (Conib) defenderam o modelo da IHRA, adotado por muitos países, como Estados Unidos, França, Itália, Alemanha e Argentina. “Essa adoção tem se mostrado muito útil, com resultados concretos no combate ao antissemitismo”, sustentou o advogado Fernando Lottenberg, ligado à Conib.

O conceito da IHRA, de 2016, é considerado controverso, pois permite identificar como antissemitismo as críticas ao sionismo ou a ações do governo de Israel — como comparar a política israelita contemporânea ao nazismo. Entidades como a Anistia Internacional e a Human Rights Watch rejeitam a definição da IHRA por tentar silenciar críticas ao governo de Israel, sobretudo em relação ao sistema de apartheid imposto aos palestinos na Faixa de Gaza e na Cisjordânia. Em janeiro deste ano, o prefeito de Nova York, Zohran Mamdani, revogou a definição da IHRA até então adotada nos códigos legislativos da cidade.

Para Michel Gherman, o Brasil precisa ter uma definição própria de antissemitismo. “Um dos problemas das definições, em especial a da IHRA, é que não basta colocar um quadro na parede e não se dar conta do filme que as contradições históricas têm no dia a dia. É



ANDREA PARENTE

**CONVOCAÇÃO** Diretor da AdUFRJ e professor do IFCS/IH, Gherman defendeu a construção de uma definição brasileira de antissemitismo

“Nenhuma definição garantiu a redução do antissemitismo. Ao contrário, a instrumentalização garantiu o aumento dele”

MICHEL GHERMAN  
Professor do IFCS/IH

preciso revisitá-las o tempo todo e efetivamente mudá-las. Eu reafirmo a necessidade de olhar para as três declarações e colocar mãos à obra em uma definição de antissemitismo que diga



ACERVO PESSOAL

**PARTICIPAÇÃO** Andrea Parente (de óculos) e Ligia Bahia representaram a AdUFRJ ao lado de Gherman

respeito ao Brasil, um país que luta contra o racismo, contra a morte de pessoas negras em seu cotidiano. Temos que sair daqui com esse compromisso”, defendeu Gherman, que coordena o Núcleo Interdisciplinar de Estudos Judaicos (NIEJ) da UFRJ.

## CRIMES DE GUERRA

O evento foi realizado no Dia Nacional da Lembrança do Ho-

locausto (16 de abril), data instituída pelo presidente Lula em 2024, em homenagem ao diplomata brasileiro Luiz Martins de Souza Dantas, que atuou para a salvação de centenas de judeus perseguidos pelo nazismo durante a Segunda Guerra Mundial. A mesa de abertura contou com a presença das ministras Janine Mello, dos Direitos Humanos e da Cidadania, e Maria

Laura da Rocha, das Relações Exteriores (substituta).

Em uma curiosa reversão de expectativas, a fala mais protocolar foi a da ministra Janine Mello. “Enfrentar o discurso de ódio e o extremismo é um dever que se impõe. Onde o ódio é tolerado, a democracia adoece”, disse ela, que destacou nominalmente o combate ao avanço de células neonazistas



MATEUS OLIVEIRA/WRE

**POLÊMICA** Arlene Clemesha, da USP, e Claudio Lottenberg (ao centro), da Conib, divergiram sobre o papel das ações do Estado de Israel no aumento do antissemitismo

no Brasil, mas não fez qualquer referência ao governo de Israel ou à Palestina.

Coube à diplomata Maria Laura da Rocha o discurso mais contundente. “Enfatizamos nossa defesa da solução de dois Estados, Israel e Palestina, vivendo lado a lado, em paz e em segurança, nas fronteiras de 1967, como caminho legítimo e duradouro para a estabilidade naquela região. Os crimes de guerra que vem sendo cometidos pelo governo de Israel já resultaram em morte de milhares de civis inocentes, inclusive crianças, na Palestina, no Líbano e no Irã, produzindo reações que alimentam o antissemitismo em diferentes regiões do mundo”, sustentou a ministra.

A mesa de abertura contou ainda com um emocionante relato de George Legmann, de 81 anos, judeu de origem romena que vive no Brasil desde 1961. Ele nasceu em 1944 no campo de concentração de Dachau, no sul da Alemanha, e foi um dos sete bebês (três meninos e quatro meninas) sobreviventes ao extermínio. Todos estão vivos — um mora nos Estados Unidos, um no Canadá, uma em Israel, duas na Hungria e uma na Eslováquia.

## DIVERGÊNCIAS

As ações do governo de Israel em relação aos palestinos e, mais recentemente, os ataques ao sul do Líbano foram o destaque da intervenção da historiadora Arlene Clemesha, da USP. Segundo ela, não há como dissociar essas ações do aumento do antissemitismo. “O combate ao antissemitismo só será efetivo se for feito junto com o combate ao racismo antiárabe e à islamofobia. Temos que debater a relação entre o genocídio palestino e o crescimento



**Temos que debater a relação entre o genocídio palestino e o crescimento do antissemitismo no Brasil e no mundo”**

ARLENE CLEMESHA  
Professora de História Árabe da USP

do antissemitismo no Brasil e no mundo”, pontou.

A professora da USP destacou que não se pode confundir as críticas ao governo de Israel

com antissemitismo: “Não há como ignorar que o ressentimento em relação à política israelense e à ideologia sionista, que é expansionista e colonialista no Oriente Médio, não transborde, em certas ocasiões, para o antissemitismo. Isso é fato. Mas ser contra a política desse Estado não é antissemitismo”.

Em contrapartida, o médico Claudio Lottenberg, presidente da Conib, retrucou: “Há uma insistência para que nós, judeus brasileiros, respondamos por questões que envolvem o governo de Israel. Essa generalização é muito ruim, essa classificação de judeu bom, judeu mau, criança de uma leitura equivocada. Por que toda vez tenta se misturar a discussão de antissemitismo com ações do governo de Israel? Essa insistência em querer vincular a condição judaica aos movimentos do Estado de Israel, esse discurso exagerado

e equivocado é que alimenta o antissemitismo”.

Para além das divergências, o professor Michel Gherman propôs um olhar para o sistema que gera o antissemitismo. “A minha proposta é que a gente estabeleça uma dimensão inversa, que trabalhe não com quem é afetado, mas por quê. Qual o sistema que levou milhões de negros e judeus a perecerem a partir desse sistema? Há aqui uma gramática antissemita que pode nos ajudar a combater racismos e homofobias. O combate ao antissemitismo é o combate ao sistema que produz antissemitismo, e não a defesa somente das vítimas. O antissemitismo tem pouco a ver com o judeu, e muito a ver com quem o persegue. Nenhuma definição garantiu a redução do antissemitismo. Ao contrário, a instrumentalização garantiu o aumento dele”, refletiu.

## PROJETO QUE CRIMINALIZA ANTISSEMITISMO, EM TRAMITAÇÃO NA CÂMARA, SOFRE CRÍTICAS

Embora não tenha sido tema das mesas de debate, o projeto que equipara antissemitismo a crime de racismo (PL 1.424/2026), de autoria da deputada federal Tabata Amaral (PSB-SP), sofreu críticas de especialistas convidados para o seminário do MRE, coordenado por Clara Ant, assessora especial da Presidência da República. O projeto prevê penas de dois a cinco anos de prisão e multa para os infratores, sem prescrição ou direito à fiança, e toma como base a definição de antissemitismo do IHRA.

A proposta foi apresentada na

Câmara com o apoio de 45 parlamentares em 26 de março passado, mas oito deles retiraram as assinaturas quatro dias depois, sob críticas de que o PL representa uma censura a críticas ao Estado de Israel. No debate do MRE, o diretor da Casa do Povo — centro cultural judaico progressista de São Paulo —, Benjamin Seroussi, disse que a proposta é desnecessária. “A Lei Caó (7.716/1989) prevê a punição de crimes de preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. Por que precisamos de um PL em tramitação no Congresso se já temos essa lei?”, ponderou.

A deputada tem se defendido das críticas de que a proposta representa censura. Segundo ela, “críticas a Israel que sejam semelhantes às dirigidas contra qualquer outro país não podem ser consideradas antissemitas”. O projeto não tem data para entrar na pauta da Câmara, mas a deputada paulista não vai precisar esperar para estar no centro de mais polêmica: na sexta-feira (24), ela foi indicada pelo presidente da Casa, Hugo Motta, para presidir o grupo de trabalho que vai discutir o PL 896/2023, que trata dos crimes praticados em razão de misoginia.



**LEGISLAÇÃO** Benjamin Seroussi enalteceu a Lei Caó, de 1989

# UFRJ

# 30/04 11h

## APOIA **CUBA.** ENCONTRO COM **FREI BETTO**



### **SALA 241, BLOCO I DO CENTRO DE TECNOLOGIA** (ACESSO PELAS ESCADAS DO BLOCO G)

**AdUFRJ**

**Sintufrj**  
SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO  
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

**APG**  
**UFRJ**

**DCE** Mário Prata  
**UFRJ**